

APRESENTAÇÃO

O *Caderno Seminal* vem ao longo de mais de duas décadas. Desde sua primeira fase, em que chegou a contar com 14 números impressos na Divisão de Serviços Gráficos da DGRAFI/UERJ, até a fase atual. Hoje é publicado em *e-book*, ora hospedado no Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ, divulgando a produção científica nacional e estrangeira, em torno dos Estudos de Língua e dos Estudos de Literatura, e tendo como linha norteadora a Semiótica/Semiologia. Desde sempre, a publicação do *Caderno Seminal* ocorreu em parceria efetiva com o Dialogarts Publicações (www.dialogarts.uerj.br), pois ambos os projetos nasceram juntos, ainda na década de 1990, na Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo – FFP/UERJ, no seio do grande projeto Dialogarts, que reunia uma infinidade de subprojetos de variadas áreas.

Este nº 27, relativo a 2017.1 (Jan-Jun), organizado por Flavio García (UERJ) – um de seus Editores-Chefes, responsável pela área dos Estudos de Literatura tanto no *Caderno Seminal*, quanto no Dialogarts Publicações –, e Algemira de Macêdo Mendes (UESPI), tem por tema “Falar de África, em língua portuguesa, na literatura, no teatro, no cinema, na televisão, no ciberespaço”, dialogando com questões da africanidade

e da afrodescendência, efervescentes no cenário acadêmico internacional e, em especial, no Brasil, país cuja formação étnica, histórica e cultural, em sentido *lato*, mantém inquestionáveis laços genesíacos com a África.

Flavio e Algemira são, consabidamente, pesquisadores que vêm, desde há muito, adentrando, em seus estudos, nas mais variadas questões concernentes às literaturas africanas, com privilégio para as manifestações em língua portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) e para literaturas que se podem adjetivar de *afrodescendentes*. Ambos os estudiosos desenvolveram projetos de pesquisa de pós-doutorado com objeto de estudo centrado nessas literaturas, como comprovam os resultados já publicados dessas pesquisas. Assim, reunindo esforços e ampliando o escopo ficcional para meios diversificados, debruçaram-se na coordenação deste Número que entra em linha.

Fato é, contudo, que as submissões advindas para publicação centraram-se, quase que exclusivamente, no *corpus* literário, o que, de forma alguma, foi a intenção desses dois pesquisadores e, muito menos, foi determinado por instruções dadas aos avaliadores que se ativeram ao material submetido. Pode-se, todavia, pressupor que, sendo os dois centrados nos Estudos de Literatura, fosse natural

a acorrida de colegas, ex-orientandos, alunos e quem mais deles tivesse notícia no cenário acadêmico. Como resultado de tal processo, tem-se aqui um conjunto de 10 artigos, cujo rigor dos pareceristas envolvidos na avaliação atesta a qualidade e o interesse para o público leitor.

Todo o *corpus* estudado nesses 10 artigos, produzido em África, Brasil ou Portugal e de autores de qualquer nacionalidade, fala de África em língua portuguesa, com perspectivas muito distintas entre si, ainda que, em alguns casos, incida sobre um mesmo artista. É o que se dá, por exemplo, com Ana Paula Tavares, escritora angolana, cuja presença reincide no artigo de Maria do Socorro Baptista Barbosa e Francisco Brunno Carvalho Reis, “Representações femininas e o pós-colonialismo em *Dizes-me coisas amargas como frutos*, de Ana Paula Tavares”, no qual se estuda um de seus livros de poesia, e no de Flavio García, “Manifestações vampirescas sob insólitos olhares angolanos”, em que se estudam dois contos de escritores angolanos, Ana Paula Tavares e José Eduardo Agualusa, publicados em uma coletânea de *Contos de vampiro*.

O mesmo se dá, também, com José Eduardo Agualusa, que, como já se apontou anteriormente, teve um conto lido por Flavio García, no qual o articulista reflete acerca de

narrativas de vampiros escritas por angolanos, articulando, em sua leitura, Agualusa e Ana Paula Tavares; e no artigo “A representação do poder feminino no romance *Rainha Ginga*, de Agualusa”, de Maria do Desterro da Silva Oliveira, com a estudiosa tensionando as relações entre a História e a Literatura na composição ficcional do escritor angolano.

Angola e a autoria feminina também se fazem presentes em “Dya Kasembe e a representação das vozes de mulheres angolanas”, de Rosana Baú Rabello, trazendo à luz, como revela a articulista em seu resumo, “uma escritora angolana ainda pouco conhecida na academia brasileira, mas que possui uma produção literária e ensaística expressiva”. Adentrando o universo limiar da Antropologia, mesmo sem a assunção de um instrumental teórico da área, o artigo procura, a partir do romance *Cartas para maridos temerários*, de Dya Kasembe, traçar estratégias de representação do feminino angolano e africano, por extensão, oferecendo um painel ilustrativo de grande valia.

Angola permanece central em “Ondjaki e sua Ynari: imagens da criança e da infância”, de Márcia Manir Miguel Feitosa e Vanessa Soeiro Carneiro, cujo olhar se volta para a representação de imagens do feminino infantil. De certa forma, o texto de Márcia Manir e Vanessa Carneiro mantém

diálogo com outros artigos deste mesmo Número, tanto pelo recurso à literatura convencional como infantil ou infantojuvenil, quanto pela problematização do feminino. Ondjaki é um produtivo artista angolano, com incursões pela literatura, pelo cinema e, mesmo, pela música, ainda que apenas tangencialmente; ele tem vivido em terras brasileiras, o que o aproxima de José Eduardo Agualusa, residente por longos períodos no Brasil. Agualusa, Ondjaki e Ana Paula Tavares são angolanos que têm estado mais tempo fora de sua terra pátria, experienciando olhares de fora, com o que vêm enriquecendo seu labor artístico.

Angola cede lugar a Moçambique, sendo quase natural surgir, como autor estudado, Mia Couto, vencedor, nos últimos anos, de inúmeros prêmios de expressão internacional. Jorge Alves Santana, em “Arúspices indianos, kindzu e surendra valá: máquinas de guerra na geopolítica do oceano Índico pós-colonial”, debruça-se sobre *Terra sonâmbula*, romance de Mia Couto já transposto para as telas do cinema. Santana focaliza, em seu artigo, as relações espaciais entre África e Ásia, mais propriamente entre Moçambique e Índia, tendo por fio condutor o Oceano Índico. Este mar banha os dois extremos e é, a um só tempo, delimitação fronteira e percurso de trânsito que interliga duas margens. Santana perspectiva a mobilidade espacial,

em sentidos diversos, desde o projeto colonial português até a contemporaneidade pós-colonial.

Luana Soares de Souza, em “A palavra como arma na luta pela independência: reflexões sobre a poesia anticolonial nos países africanos de língua portuguesa”, ainda que, no resumo de seu artigo, anuncie que analisa alguns poemas de diferentes poetas africanos, de expressão em língua portuguesa, “que viveram no período das lutas pela independência [...], considerando a construção ética e estética da poesia anticolonial”, restringe-se, de fato, à produção lírica do cabo-verdiano Antônio Mendes Cardoso, do são-tomense Tomás Medeiros e do moçambicano José Craveirinha. Luana, porém, cumpre sua proposta crítico-interpretativa de pensar as relações entre a poesia e a história, considerando a importância do fazer poético para as lutas de independência e a sobrelevação das consciências nacionais.

Em “Memória e desejo: a dialética do antes e do depois em Conceição Lima”, Leonardo Barros de Medeiros trata “das temáticas da lembrança e do desejo” na lírica dessa poetiza são-tomense, observando transformações que demarcariam sua obra entre 2006, *A dolorosa raiz do Micondó*, e 2011, com *O país de Akendenguê*. Sem atinar para o estudo de gênero, não adentrando questões relativas ao feminino, Medeiros, no entanto, acaba traçando um quadro demonstrativo do

imaginário de mulher que Conceição Lima faz emergir em meio a recordações e desejos emanados em sua poesia.

Partindo das ex-colônias portuguesas em África, de volta à metrópole europeia, Silvana Maria Pantoja dos Santos e Thalita de Sousa Lucena dirigem o olhar para a metrópole europeia e focalizam as impressões de Teolinda Gersão sobre “o espaço moçambicano” em seu romance *A árvore das palavras*, com o artigo intitulado “Impressões de África: o espaço moçambicano em *A árvore das palavras*, de Teolinda Gersão”. De certa maneira, as autoras cumprem o importante papel de registrar, na literatura portuguesa, a incidência da revisitação às questões coloniais em África, presentes na obra de muitos importantes escritores, que há muito têm problematizado o fato. Moçambique, terra do luso-descendente Mia Couto, moçambicano assumido, como expõe, especialmente, em seus artigos de opinião, volta à cena. Em franco diálogo entre Literatura e História, emergem, nesse artigo, o fictício e o imaginário, demarcando as impressões que perpassam a personagem central do romance de Teolinda Gersão e levando o leitor a vivenciar, ele também, um antes e um depois do período colonial.

Vindo para o Brasil, outra ex-colônia portuguesa, não mais em África, mas na América, encharcada, contudo, de africanidades, Daniela Maria Segabinazi, Renata Junqueira

de Souza e Jhennifer Alves Macêdo, exercitando premissas da “literatura global”, com uma postura francamente comparatista, tratam, em “As princesas africanas na literatura juvenil: do branqueamento silenciador ao protagonismo questionável”, do livro *Cinderela e Chico Rei*, de Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho, ilustrado por Walter Lara, destinado ao público infantil. A leitura que apresentam, perseguindo as imagens e o imaginário das princesas, em diálogos intersemióticos entre o texto verbal da narrativa por palavras, e o texto imagético das ilustrações, leva o leitor a reconsiderar muitos de seus pressupostos. O artigo dá pontos de arremate a discussões em torno de valores étnicos, obrigando que se revejam conceitos cristalizados na contística mais tradicional.

A ordem dos artigos, na publicação, não é, obviamente, essa que se segue nesta Apresentação, como se pode verificar pelo sumário deste nº 27 do *Caderno Seminal*. A escolha que aqui se fez seguiu valores arbitrários de conteúdo, eleitos por quem a escreveu. Agora, é ler os artigos na ordem que se queira. Todos falam de África, em língua portuguesa, cumprindo o que se esperava, ainda que parcialmente, para a consecução deste Número.

Flavio García
Algemira de Macêdo Mendes
Editores do Numero